

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ  
CASA DE OSWALDO CRUZ**

***MARIA INEZ DE MOURA SARQUIS***  
**(Entrevista)**

## Ficha Técnica

Projeto de pesquisa – Memória das Coleções Científicas do Instituto Oswaldo Cruz da Fiocruz

Entrevistada – Maria Inez de Moura Sarquis (MS)

Entrevistadoras - Anna Beatriz de Sá Almeida (AB) e Magali Romero Sá (MR)

Data – 08/02/2001

Local - Rio de Janeiro/ RJ

Duração - 1h30min

Transcrição - Carlos Henrique Assunção Paiva

Conferência de fidelidade: Nathacha Regazzini Bianchi Reis

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

SARQUIS, Maria Inez de Moura. *Maria Inez de Moura Sarquis. Entrevista de história oral concedida ao projeto Memória das Coleções Científicas do Instituto Oswaldo Cruz da Fiocruz*, 2001. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. 50p.

## Resenha biográfica

Nasceu em 18 de dezembro de 1952. Descendente de família portuguesa, iniciou seus estudos em medicina na Universidade de Coimbra, Portugal. Embora desde a infância desejasse seguir a carreira de cientista, a atração pela medicina prevaleceu na escolha do primeiro curso acadêmico. Por motivos familiares, retornou ao Rio de Janeiro antes de completar seus estudos em Portugal. Em 1976, enquanto aguardava a documentação de transferência, decidiu-se por prestar vestibular para a Faculdade de Ciências Biológicas na Universidade Gama Filho (UGF).

Iniciou, logo no primeiro ano de curso, um estágio na Fundação Estadual de Engenharia e Meio Ambiente (FEEMA) e acabou por se engajar em pesquisas na área de hematologia. Com o incentivo de Jair da Rosa Duarte, pesquisador da instituição, manteve o seu estágio e concluiu sua graduação em 1980. Logo que se formou, foi contratada pela FEEMA como auxiliar-técnica no Laboratório de Bacteriologia de Vetores, função que exerceu até 1982. Neste mesmo ano, transferiu-se para o Departamento de Micologia do IOC, quando iniciou os trabalhos em taxonomia e caracterização enzimática no acervo da Coleção de Culturas de Fungos do IOC, junto à pesquisadora Pedrina Cunha de Oliveira, chefe do departamento e curadora da coleção.

Em 1990, desenvolveu pesquisas com fungos patogênicos, oportunistas e alérgicos existentes na praia de Ipanema, o que resultou na sua dissertação de mestrado, defendida em 1993, na UFRRJ. A dissertação tornou-se um trabalho de referência na área de micologia, tendo a pesquisadora identificado inúmeras espécies de fungos, levando-a a receber convites para palestras e congressos nacionais e internacionais. Em 1994, assumiu a Chefia do Laboratório da Coleção de Culturas de Fungos do IOC, coleção que possui um grande acervo constituído desde a década de 1920 com a contribuição de várias gerações de pesquisadores da instituição. Contando com aproximadamente três mil cepas vivas e de grande biodiversidade - uma das maiores da América Latina, a Coleção de Culturas de Fungos é referência em teses desenvolvidas no Brasil e no exterior. Em 1997, assumiu a curadoria desta coleção.

A prática em técnicas de preservação possibilitaram à pesquisadora receber convites para consultorias visando auxiliar na estruturação de outras coleções de fungos e também em micologia de diversas instituições. Em parceria com o Instituto Nacional de Pesquisas do Amazonas (INPA) e com a Universidade Federal do Amazonas (UFAM), junto com Gisela Iara da Costa - pesquisadora do IOC em controle biológico - vêm atuando na identificação de cepas oriundas da América Latina e no enriquecimento da Coleção de Culturas de Fungos com espécies até então desconhecidas. Além dos treinamentos ministrados a partir de 1983, preparando pesquisadores para atuar na área de micologia, especialmente em taxonomia e conservação de fungos, a atividade docente passou a ser uma constante em sua carreira, orientando alunos de graduação e pós-graduação. Em 1995, passou a ministrar aulas de micologia no Curso de Biotecnologia da UFAM, através do Programa de Extensão Universitária promovido pelo IOC, preparando estudantes para o trabalho de coleta e manutenção de fungos encontrados na região. Atualmente, é curadora da Coleção de Culturas de Fungos Filamentosos do IOC.

## Sumário

### Fita 1 - Lado A

O interesse pela ciência desde a infância; os estudos de medicina na Universidade de Coimbra, em Portugal; a necessidade de voltar ao Brasil e o ingresso na Faculdade de Ciências Biológicas; a expectativa em retomar os estudos de medicina; comentários sobre o primeiro estágio na Fundação Estadual de Engenharia do Meio Ambiente (FEEMA); as primeiras pesquisas com roedores na área de bacteriologia realizadas na instituição; a importância de Jair da Rosa Duarte, pesquisador da FEEMA, em sua trajetória profissional; a contratação pela FEEMA para trabalhar no Laboratório de Bacteriologia de Vetores; comentário sobre a área de pesquisa na FEEMA; recapitulação dos anos como estagiária na FEEMA; as primeiras pesquisas realizadas no IOC; a transferência para o Departamento de Micologia do IOC; a importância do apoio das pesquisadoras Alia Tubajis Salminto e Pedrina Cunha de Oliveira em sua trajetória profissional; os primeiros trabalhos realizados com fungos no Departamento de Micologia do IOC; breve histórico dos pesquisadores envolvidos com a Coleção de Culturas de Fungos do IOC; a personalidade e o perfil profissional de Pedrina Cunha de Oliveira; considerações sobre o trabalho em consultoria e em treinamentos nos Serviços Técnicos Especializados do Departamento de Micologia do IOC; a necessidade de dedicação integral ao trabalho em taxonomia de fungos filamentosos; o treinamento de estagiários e a dificuldade de mantê-los na área de taxonomia de fungos do IOC; as pesquisas de campo na FEEMA; a identificação de inúmeros fungos arenosos encontrados nas praias do Rio de Janeiro; breve relato de sua dissertação de Mestrado em Microbiologia Veterinária sobre a incidência de fungos encontrados na praia de Ipanema, defendida na UFRRJ; a carência de pesquisadores especializados em taxonomia de fungos no Brasil; relato das atividades docentes atuais visando à preparação de profissionais para a área de micologia; o período do ingresso no Departamento de Micologia do IOC da Fiocruz e o corpo de pesquisadores e estagiários.

### Fita 1 - Lado B

O período do ingresso no Departamento de Micologia do IOC e o corpo de pesquisadores e estagiários; a implantação do laboratório da Coleção de Culturas de Fungos, no Departamento de Micologia do IOC; as atividades na área de taxonomia de fungos no laboratório; a curadoria exercida por Pedrina Cunha de Oliveira; as atividades docentes em diversas instituições; as impressões sobre a necessidade de divulgação das pesquisas realizadas na área de micologia; relato do impacto causado pela divulgação dos primeiros resultados de sua dissertação de mestrado; o convite para chefiar o Laboratório da Coleção de Culturas de Fungos; o estágio atual da catalogação da Coleção de Culturas de Fungos; breve relato do histórico do acervo da Coleção de Culturas de Fungos e a incorporação de novas cepas; as estratégias de controle de empréstimos de cepas para a realização de pesquisas em outras instituições; comentários acerca da metodologia de preservação das cepas da coleção; o reconhecimento internacional da Coleção de Micologia do IOC; considerações sobre os cuidados necessários para preservação e reconhecimento das cepas; as dificuldades enfrentadas pelos pesquisadores que atuaram no Departamento de Micologia; o procedimento dos antigos pesquisadores diante das coleções; o despreparo e a falta de incentivo do IOC no passado para a preservação das

coleções científicas; considerações acerca do estado atual da Coleção de Micologia; comentários sobre o auxílio prestado a outras instituições para a preservação de coleções micológicas; novos relatos sobre o empréstimo de materiais da Coleção de Fungos para instituições públicas e privadas; o incentivo à pesquisa realizada com fungos no INPA; comentários sobre a divisão de tarefas com Gisela Lara da Costa.

## Fita 2 - Lado A

Comentários sobre os esforços em conjunto com Gisela Lara da Costa para manutenção do acervo da Coleção de Culturas de Fungos do IOC; a origem dos recursos para manutenção e conservação da coleção; sua opinião e a de Gisela Lara Costa acerca da gerência das coleções científicas na Fiocruz; as dificuldades financeiras para manutenção da Coleção de Culturas de Fungos; a importância do apoio da Casa de Oswaldo Cruz (COC) aos acervos das coleções científicas da instituição; relato das técnicas e métodos de manutenção e conservação da Coleção de Culturas de Fungos do IOC; relato sobre as atividades de catalogação do acervo da Coleção de Culturas de Fungos do IOC; considerações acerca da nomenclatura das cepas; a importância da cooperação entre unidades da Fiocruz para a manutenção das coleções científicas; considerações acerca das medidas tomadas pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) em relação ao transporte de espécimes de uma região para outra; considerações de Gisela Lara da Costa sobre a filosofia institucional em relação às coleções na Fiocruz; novas considerações das pesquisadoras Maria Inez Sarquis e Gisela Lara sobre os desafios enfrentados pelo Departamento de Micologia do IOC; a satisfação pessoal de trabalhar na área de micologia.

Data: 08/02/2001

### **Fita 1 – Lado A<sup>1</sup>**

AB – Entrevista com a doutora Maria Ignez de Moura Sarquis, entrevista no dia 8 de fevereiro de 2001, entrevistada por Magali Romero Sá e Anna Beatriz de Almeida. Fita 1. Então professora Maria Ignez, como a gente tinha conversado um pouquinho na introdução, a gente segue meio que conversando sobre a sua trajetória, porque que você foi fazer Ciências Biológicas, como é que você veio parar aqui na FIOCRUZ, então é por aí que a gente vai começar. E eu sempre gosto de começar pra pessoa falar um pouquinho da origem familiar dela, como é que foi o colégio no primeiro grau, segundo grau, assim o interesse pela área, não é, como é que isso foi aparecer. Então eu queria que você conversasse um pouquinho para a gente, contasse um pouquinho da tua vida.

MS – É até muito interessante porque... eu desde de pequena eu dizia brincando que queria ser cientista, eu acho que eu não sabia nem o que que era... ciência, não é? Mas a gente tinha assim aquelas pessoas sempre perguntavam: “Você vai ser o que quando crescer?” Tinham sempre aquelas especulações. E eu brincava que queria ser cientista, e eu brincava mesmo de cientista...

AB – E essa imagem de cientista vinha de onde?

MS – Não sei, aquilo era uma coisa minha mesmo, eu gostava de guardar bichinho dentro de vidrinho, mosquito, coisa pequena mesmo, fazia assim experiência. Eu dizia que eram as minhas experiências, não é? Sabonete, fazia assim umas gororobas, umas coisas assim e aquilo, mas sem muito saber o que era.

AB - E tinha estímulo dos seus pais?

MS – Tinha. Eu tinha kit de química. Nós tínhamos até pouco tempo eu comprei para o meu filho quando era pequeno também. Então eu fazia aquele sangue do diabo, todas aquelas reaçõezinhas químicas que eram possíveis, não é, a gente brincava muito com aquilo. Mas eu tinha também uma parte de ciências que eu queria também fazer Medicina, depois quando crescer, quer dizer, tem todo assim, é, depois vocês vão ver que não é frustração nenhuma. E eu quando fiz vestibular, eu não passei no primeiro vestibular, mas eu tinha amigos, que eu tenho família portuguesa, e eu resolvi estudar fora, eu fui para Coimbra. Tinha um convênio Brasil-Portugal, e eu com 21 anos fui para lá morar em Portugal e fui estudar em Coimbra, foi na época da revolução, e eu fiquei lá 3 anos estudando Medicina em Coimbra. Mas, com toda essa dificuldade da revolução, e de documentação, eu não tinha os créditos, porque logo que eu entrei, nós não fizemos o primeiro ano, nós ganhamos assim alguns créditos para poder segurar a universidade, e isso foi muito difícil, e meus pais tiveram uns problemas de situação financeira e eu tive que retornar ao Brasil. Para eu não ficar à toa, eu fui fazer um vestibular e passei para Biologia, quer dizer, eu fui fazer Biologia esperando que aquela documentação viesse, não é? De Portugal pra cá...

AB – Porque aí, na sua expectativa, você voltaria a fazer Medicina...

---

<sup>1</sup> A entrevista contou com a participação da pesquisadora Gisela Lara Costa (GC).

MS - É, voltar a fazer Medicina. Só que eu comecei a trabalhar logo com pesquisa porque eu arranjei um estágio no Hospital aqui de Bonsucesso e na FEEMA, na Fundação Estadual de Engenharia do Meio Ambiente. Então desde assim o primeiro ano de universidade eu já fui trabalhar numa instituição como estagiária e ganhei uma bolsa. E comecei a trabalhar com roedores, com Hematologia, e era ali na Cidade Nova, então era aquela coisa de ter que ir pra universidade, voltava pro estágio, aquela correria toda. E foi naquela época que estavam fazendo o metrô, e eu trabalhava com ratazanas, porque tem, eu tenho até hoje a FEEMA usa as fichas que fui eu que elaborei, então era por quarteirões, era tudo ali, como é que se diz? Checado, tudo trabalhado com as ruas, com os quarteirões e cada quarteirão tinha aquele grupo de roedores, e os venenos para matar. Aí eu comecei, só que essa parte da FEEMA foi pra Barra da Tijuca, aí eu já estava me formando. Eu, como não queria ir pra Barra, eu continuei e fui trabalhar com esgoto sanitário, com Bacteriologia, com uma pessoa que foi uma das pessoas mais importantes, até hoje conhecida, que é o dr. Jair da Rosa Duarte. Foi ele que foi assim meu primeiro chefe, meu primeiro incentivador e se hoje eu estou aqui, até a minha tese de mestrado, foi idéia dele, mesmo sem estar comigo, é uma pessoa que eu tenho assim uma estima muito grande. E eu comecei, ele trabalhava, ele trabalhava com roedores. Então eu comecei a fazer a parte de esgoto sanitário com Bacteriologia, com o *Salmonella*, e eu isolei, tenho uma coleção até de bactéria, de *Salmonella* isolada de esgoto sanitário, foi a minha primeira bolsa do CNPq, foi esse trabalho, e eu precisava checar, fazer a taxonomia dessas *Salmonellas*. Então eu vim pro Instituto Oswaldo Cruz fazer com o doutor daqui da Bacteriologia, o chefe, o antigo chefe, como é nome dele... ... Pode desligar?

#### INTERRUPÇÃO NA GRAVAÇÃO

MS - Dr. Ernesto Hofer, não é? Então eu comecei, ele começou a me ensinar como eu identificava as bactérias que eu estava...

AB - E aí você ainda estava concluindo a faculdade...

MS - Eu estava concluindo a faculdade, aí eu fui convidada e fui trabalhar lá mesmo, eu fui...

MR - No Laboratório de Bacteriologia Científica?

MS - No Laboratório de Bacteriologia de Vetores da FEEMA...

MR - Ah.

MS - Contratada, fui contratada, é. No mesmo ano que eu me formei, eles me contrataram.

AB - Certo.

MS - Está.

AB - Então, é o seguinte. O que você coloca como esses seus dois anos no Estado...

MS - Com...

AB – Esses seus dois anos foi essa vinculação com a FEEMA?

MS – Foi, como, com o contrato, mas eu fiquei lá quatro anos como bolsista do...

AB – Mais tempo.

MS – Do CIEE, duas bolsas de Iniciação Científica e Aperfeiçoamento. Tudo minha foi feita lá.

AB – Foi feito lá. E esse contato seu com o Instituto Oswaldo Cruz, com a área de Bacteriologia pra fazer essa taxonomia. Você já tinha alguma, outro contato com o Instituto?

MS – Nenhuma.

AB – Alguma imagem do Instituto?

MS – Não. Não.

AB – Quando você estava na Faculdade...

MS – Foi a primeira vez que eu entrei...

AB – Se falava do Instituto, se tinha alguma idéia dele?

MS – Não. Eu sabia sim, dos pesquisadores, claro, porque a gente, o Instituto sempre teve um nome. Então, quando se procurava um referee, procurava-se o Instituto, a linha de pesquisa. Porque a FEEMA, ela não é muito de pesquisa. Ela é muito de prestação de serviço, está entendendo? Então, tem, quer dizer, tinha um ou outro que gostava de pesquisa, que a gente levava alguns projetos, mas o básico dele é prestação de serviços. Tanto, que eu fui para Bacteriologia, mas fui para fazer potabilidade de água, não é, e com isso eu montei um projeto. Porque como eu precisava de uma bolsa, eu tinha que montar um projeto e não tinha pesquisador lá pra assinar esse projeto, então eu fui à Universidade Federal do Rio de Janeiro, fui conversar com o atual, que era chefe do laboratório da Universidade Federal do Rio de Janeiro, de Bacteriologia e pedi que ele assinasse mesmo sem me conhecer. Que assinasse, que eu daria a ele um resultado final. E ele.

AB – Quem era essa pessoa?

MS – Foi, aí já não me lembro também. Ele já morreu.

AB – Não, depois lembra o nome. Depois lembra. E ele topou?

MS – Topou e assinou, sem nunca ter me visto. Mas, claro que uma pessoa deu referências. Também eu procurei outras pessoas que o conheciam, que dessem referência e ele aceitou. Então eu fazia, desenvolvia o trabalho na FEEMA, mas era assinado por esse pesquisador, chefe do laboratório da UFRJ, não é, do CNPq e vinha aqui para que o dr. Ernesto... Isso tudo eu tinha que correr atrás, não é, que eu digo muito para os meninos



hoje. Gente, vocês se estivessem na época, a gente antigamente tinha que correr muito (MR fala ao fundo). Era botar o livro debaixo do braço...

MR – É.

MS – E era de ônibus. Não tinha essa coisa de carro, não.

MR – É verdade.

MS – Tanto que no meu último ano eu tive que estudar à noite, porque eu tinha o dia inteiro para estagiar.

MR – É.

MS – Não é? E a gente tinha que correr atrás. Então eu vinha aqui com uma coleção grande, não é, fiquei e adorei o Instituto Oswaldo Cruz. Aí foi um problema, porque eu não queria era sair daqui. (risos) Porque aqui realmente eu estava fazendo a pesquisa que eu queria...

MR – A pesquisa...

MS – Não é? Aí eu vi a possibilidade de ser contratada. E aí o dr. Ernesto Hofer pediu a minha contratação e eu fui à FEEMA e pedi que cancelassem, sem vencimento, a minha contratação. Eu fiquei dois anos, com licença sem vencimento pela FEEMA, inclusive eu ganhava menos aqui do que lá...

MR – Risos.

MS - Você vê, não é? E hoje aqui a gente ganha até um pouco mais do que lá, porque o estado teve uma queda, não é, mas isso pra gente nem interessava, a gente queria...

MR – O amor, não é?

MS – É, era primeiro a pesquisa, primeiro o Instituto, não é...

AB – E aí seria para trabalhar com o dr. Ernesto?

MS – Ernesto Hofer. Eu fiquei com o dr. Ernesto Hofer...

AB – No Laboratório de Bacteriologia?

MS – No Laboratório de Bacteriologia trabalhando com o *Salmonella*. Mas aí eu peguei e fui fazer o mestrado daqui de Parasitologia, mas houve uma outra fase difícil na minha vida, aí eu tive que parar. E eu comecei a não gostar muito, não me adaptei ao departamento depois, está? Uma coisa era você trabalhar naquilo...

MR – É.

MS – Você chegar com as suas cepas, estudar e depois outra coisa foi você trabalhar...

MR – O dia-a-dia, não é?

MS - No departamento que houve algumas mudanças e nada pessoal, mas eu queria mais, eu queria outra coisa, queria buscar outra coisa, e por intermédio de uma pesquisadora muito antiga, que era assim uma pessoa que trabalhava no Departamento de Bacteriologia, que é a Alia Tubajis Salmito. Ela me apresentou a doutora Pedrina, porque foi na época que o departamento estava só com ela e um pesquisador, que era o Manoel, Antônio Manoel...

AB – Como é que era o nome dela toda? Da pesquisadora, Alia...

MS – Alia Tubajis Salmito. E eles estavam querendo reviver, renovar o Departamento de Micologia, e eu peguei, fui e conheci aquela pessoa. Uma pena que vocês não conheceram, porque foi assim minha mãezona, que foi a doutora Pedrina Cunha de Oliveira. Aí eu fui começar do zero e me apaixonei pelos fungos.

AB- Quer dizer, nem durante a faculdade...

MS – Não e nem tinha Micologia...

AB – Não tinha tido contato...

MS – Não, nem Micologia...

AB – Micologia não aparecia.

MS - Até hoje, são cadeiras que pouquíssimas universidades dão. E naquela época então, há vinte anos Micologia era assim, só mesmo aqueles, não é?

MR – Ninguém nem sabia, não é?

MS – Ninguém sabia.

MR – (TI) direito.

MS – Aí, então ela foi criando toda aquela vontade de aprender, dedicação e ouvindo sempre a coleção, sempre a parte de taxonomia, que era a parte dela e tudo, que ela podia, foi passando e eu peguei e fui gostando Micologia, por aí.

AB – Por aí. E esse contato com ela? Ela também passava para você um pouco da história de como é que o departamento?

MS – Ah, sim.

AB - A sessão tinha se estruturado...

MS – Ela contava muito.

AB – Que pessoas que ela destacava nisso?

MS - Quer dizer, ela tinha uma pessoa, que como eu digo até hoje o que tenho por ela, ela tinha pelo dr. Furtado, que o dr. aconteceu mesma coisa com ela praticamente, não é, com o dr. Furtado, ela veio também como, logo no princípio da carreira dela, ela foi fazer o mestrado na Inglaterra, o doutorado. Só que tinham poucas pessoas, foi na época da revolução, onde as pessoas tinham sido mandadas cassadas então o dr. Furtado fez exatamente, deu os primeiros passos, deu todo aquele aprendizado dele pra ela, não é. Então ela contava isso muito.

MR – Você está falando dele, quem trabalha, quer dizer, quem deixou a coleção foi o Olympio da Fonseca...

MS – Foi o Olympio da Fonseca.

MR - Depois que outras pessoas trabalharam com a Micologia?

MS – Aí veio o Antonio Eugênio Arêa-Leão.

MR – Está.

MS – Não é? Veio o Arêa-Leão. Veio o...

GC – O dr. Furtado.

MS – O Furtado.

GC – O Masao Goto.

MS – O Masao Goto.

AB – O Masao Goto.

MS - Mas, não, o Furtado ficou.

GC – Veio antes...

MS – É, o Masao Goto foi um que foi cassado.

MR – Ah, está.

GC - Foi logo depois, foi logo depois do Arêa-Leão.

MS – É, o Arêa-Leão.

MR – É, é.

AB – Dr. Furtado.

MS – E ele ficou, ficou ele e ela, quer dizer, o departamento, quando eu entrei, tinham dois funcionários e um técnico.

MR – Era ele e ela e um técnico.

MS – É.

MR – Interessante.

MS – E ela também, quando foi todo mundo embora, inclusive até a Maria Lúcia Taylor, que está até hoje no México, quer dizer, tinha um grupinho, não é, mas todos foram cassados, foram embora, e ela ficou sozinha com ele. Então ela começou de novo, depois ele se aposentou e ela foi estudar na Inglaterra, voltou e ficou segurando. Quer dizer, eu digo que a coleção ficou num período latente que nem os fungos eles ficaram, estão aqui até hoje. Preservados, aquele...

MR – Preservados.

MS – Teve uma época muito de latência.

MR – É, é.

MS – E ela como uma pessoa assim muito íntegra, não é, porque a doutora Pedrina tinha uma integridade muito grande, pessoal mesmo, ela não só no trabalho, mas como pessoa, ela era de uma integridade muito forte. E ela, muito das coisas assim que até na época ela foi aposentada e que as pessoas não entendiam muito, é porque ela tinha assim preservado aquilo, ela segurou mesmo, ela agarrou, ela tinha medo, uma coisa que ela absorveu. Ela não acompanhou um pouquinho, vamos dizer assim, a troca ou a evolução foi porque ela passou em tantas estruturas assim, e ela tinha medo, ela achava, eu achava que ela tinha uma visão de que a própria instituição não estava tão preparada para essas mudanças, aquelas coisas antigas...

MR – Hum, hum.

MS - Porque as coisas antigas são descartáveis, não é? O pessoal não presta mais, joga fora.

MR – É, é o que é, não é?

MS – E ela de repente se viu assim. Então ela tinha medo, quer dizer, foi uma defesa dela. E foi uma coisa muito agressiva até na época. Mas por isso que a coleção ficou muito tempo nessa, nessa latente, nessa parada litúrgica, não é?

AB – E voltando um pouquinho para quando você veio pra cá, você entrou no IOC, você veio da Bacteriologia, você veio para cá para a Micologia, você faz referência no seu currículo a serviço de consultoria, de treinamentos...

MS – Hum.

AB – Que tipo de trabalho no início foi esse?

MS – Porque...

AB – O que que era isso?

MS – Foi assim, tinha eu e ela só trabalhando e tinha um pesquisador, o Antônio Manoel. Nós éramos os três e ele gostava mais de trabalhar na parte da Fisiologia e eu gostava mais da parte de taxonomia, dessa parte de microscopia, então aquela parte que eu aprendi com ela. Então, quer dizer, a gente tinha assim mais..., conversava mais. Então, quando tinha alguma, chegava alguma cepa, eu começava a fazer os estudos e ela dava sempre o aval final. Eu precisava fazer um curso, eu queria fazer um curso, eu pedia ela me mandava. Dona Pedrina era assim. Tudo o que fosse para melhorar...

MR – Melhorar, é.

MS – Pra estudar, pra você evoluir, ela não, não tinha nada que impedisse, não é, de fazer. E eu comecei a fazer, eu fui fazer um curso na Andreia Tozelo e fiz um conhecimento com pessoas de fora...

MR – Hum.

MS – E comecei. Foi o meu primeiro contato assim, com universidades de fora. E aí surgiu o curso de Biotecnologia na Amazônia e eu fui fazer durante três meses, esse curso lá na Amazônia. E a partir desse curso eu comecei a fazer parte de professores, porque não tinha quem desse Micologia. E fazer projetos com o pessoal da universidade e estou lá até hoje.

MR – Ah.

AB – Isso desde os anos 1980? Desde meados de 80...

MS – É.

AB – Que você fez esse curso?

MS – Há dez anos que eu vou lá. Direto. E aí as coisas vão crescendo, você vai, vai vendo outros conhecimentos, você faz no INPA, aí do INPA você faz, tem um professor que vai fazer um curso no Paraná. Então hoje a gente tem uma gama...

AB – Uma rede...

MS – Uma rede de universidades que nós passamos ser referência. Ninguém faz, Minas, todo mundo que precisa checar uma cepa, eles mandam pra gente.

AB – E esse é o tipo de trabalho de consultoria, de...

MS – De consultoria, aí você vai...

AB – De treinamento, é o que você falou. Fazer cursos, treinar pessoal...

MS – O treinamento do pessoal. Exatamente. Aí eu dou vários cursos, ensino na Universidade Federal, vem pra cá.

GC – E a consultoria não só pra universidades, mas pra indústrias também. A gente tem, por exemplo, laboratório...

MS – Laboratório, até médico, de alergênicos, nós cedemos muito...

GC – Tem, tem produtos contaminados que vem pra gente também verificar. Aqui dentro da FIOCRUZ mesmo a gente faz parceria com BIOMANGUINHOS...

MS – Com a creche, com BIOMANGUINHOS.

MR – Ah, é?

MS – É. Nós já tratamos muita areia da creche.

MR – Só duas funcionárias? Só vocês duas?

MS – Só duas.

MR – (TI)

MS – É. Aí tem esse problema todo, não é, porque gostar de taxonomia, gostar de Micologia já é difícil. Gostar de taxonomia é mais difícil ainda. Porque o fungo ele é todo, a taxonomia dele, o nome dele não é, a taxa dele é toda por morfologia, é toda por forma. Então, você tem que ficar ali em cima de livros e em cima de microscópio. E isso não dá IBOPE, isso não dá dinheiro (riso), isso não dá. Você tem que ter paciência, tem que gostar.

GC – Acaba naquela coisa.

MS – E às vezes você leva um mês, dois meses, três meses, trabalhando. Sem meio específico, nem textura específica, aí não cresce ali. A temperatura, aí ele não gosta disso, ele gosta de uma substância a mais. Então, você leva muito tempo. Você tem que ter muito carinho, muita dedicação. Então, as pessoas chegam: “Ah, não gosto. O que eu vou fazer com isso?”

GC – É.

MS – Querem saber o molecular.

GC – Ainda mais...

MS – O pessoal que trabalha com molecular, faz o molecular na hora de dar, não é, checar se é aquilo mesmo, molecular, eles vêm a gente.

MR – Tem que ter no clássico, Maria Ignez? Todas as áreas, não é?

AB – Não tem como...

GC – É, porque não adianta você trabalhar...

MS – Então, até mesmo, tem teses na universidade...

GC – Produtos.

MR – Claro que é. Claro.

MS – Exatamente. Porque quando chega no final, quem checa somos nós.

GC – Somos nós. (falam juntas)

MR – Não, eu sei, mas tem que dar o aval, dizer: “isso é isso, quer dizer, senão, não adianta.”

MS – Então, mas isso é aquilo que eu estou dizendo para você. Tem que ficar horas ali naquele microscópio. Então é difícil. Às vezes você consegue um estagiário ou outro que goste, mas ele acaba a bolsa, ele tem que ir embora.

MR – Não tem como segurar, não é?

MS – Você não conse... Exatamente.

AB – Quer dizer, tem que formar pessoal mesmo.

MS – Nós já tivemos. Em dez, você tira...

AB – Especializado.

MS – Em dez, você tira dois. Se tirar, está? Esses dois você prepara tanto depois, que ele faz um concurso e vai ser professor, acaba largando a taxonomia, mas vai ser professor de Micologia. Nós temos professores aqui, alunos que saíram daqui.

GC – Está em universidade...

MS – Com mestrado. Entrou na universidade, entrou como bolsa de Iniciação Científica, já saiu com mestrado, está e dá aula na Escola Técnica Federal e na Universidade Estadual, quer dizer, é uma formação.

MR – Claro, é.

MS – Que podia estar com a gente trabalhando aqui.

MR – Claro.

MS – Mas ele precisa viver. Ele precisa, não é. Então, faz concurso pro Estado, concurso federal, passa com excelente currículo, mas você não tem como absorver uma pessoa dessa. Ele tem que viver, ele tem a família. Não é?

AB – Dia-a-dia.

MS – Faz toda... Chegou, acabou a bolsa do mestrado, mas ele precisa ter um dinheiro, não é. Aí você vai perdendo as pessoas assim.

AB – E você falou muito desse, do seu dia-a-dia na pesquisa. É o microscópio, é o livro. E o outro lado, a pesquisa de campo, também é uma paixão para você?

MS – Pois é, eu trabalho...

AB – Fala um pouquinho para gente sobre isso.

MS - Muito com pesquisa de campo. Até porque eu comecei sempre foi pesquisa de campo. Desde que eu fui lá da FEEMA eu ia lá para o campo...

MR – É.

MS – Que era o Metrô. Entrava naquelas galerias, a gente fazia aqueles mapinhas todinhos, via as ninheiras, e fazia mesmo, trabalhava com animal, porque nós injetávamos o veneno, que era um anti-coagulante na dosagem, que depois tirava o sangue, dosava. Toda aquela... Em quanto tempo aquele veneno mataria o roedor com o peso tal, quer dizer, toda aquela, não é... Depois eu fui trabalhar com a *Salmonella*, aí eu ia ao campo coletar dentro do esgoto sanitário. Depois eu fui trabalhar na colu... Fiz um trabalho, também esse com *Salmonella*, tinha uma parte de mosca de aterro sanitário, chorume. Então, eu ia lá no Caju, me enfiava lá dentro daquela lixeira toda. Então, sempre assim, com o trabalho de campo, não é? Quando eu vim pra aqui, eu comecei a fazer o meu primeiro trabalho, que o foi o Jair da Rosa Duarte me mandou três separatas, que eu guardo até hoje, três trabalhos, com a assinatura dele, assim: “Procura fazer esse trabalho, porque você vai gostar. Eram trabalhos de areia, está, com bactérias...”

AB – Que está ali?

MS – É. E eu peguei, fui à FEEMA e fiz um projeto com a FEEMA, está? Como eles saíam todo dia para coletar água em praias... Eles tinham mapa, tinham toda... Iam desde o Leblon até São Conrado. Para aquele todo litoral, eu sairia com eles e eles coletariam água e eu coletaria areia, para ver, porque uma vez ele me mandou uma mostra de areia com helminto...

MR- É, tem muito, uma coisa horrorosa, não é, a gente quando sai...

MS – É, e eu falei, eu não trabalho com helminto, trabalho com fungo. Ele falou: “Mas tem umas estruturas lá que eu acho que é fungo.” São as ifas, que quando ele via no microscópio, só que ele não sabia. Faz esse trabalho. Eu peguei e montei o projeto, fui à doutora Pedrina e ela falou assim: faz o trabalho que eu te apoio. E eu saí pra FEEMA, não tinha carro aqui, não tinha nada. E eu saía com o carro da FEEMA, uma vez por mês comecei a fazer a coleta do material e comecei a estudar os meus fungos. E todo mundo que passou de estagiário aqui aprendeu muito porque, você já viu a quantidade de fungo que ainda tem para identificar?

MR – Não. Você tem aí?

MS – Não, é uma outra coleção.

MR – É, você tem...?



MS – Tem mais de 10 mil ainda por identificar.

MR – Ah, é muita coisa.

MS – Todos isolados de areia.

MR – Só de areia?

MS – Só que eu sozinha, Ipanema, Copacabana, Leblon, Leme, São Conrado...

MR- Que trabalho interessante esse!

MS – Mas não tem ninguém para fazer.

MR – Não tem ninguém para fazer isso.

MS – Quando eu fui fazer a minha tese eu tinha que escolher uma praia, porque eu não tinha como identificar 10 mil fungos, não é? Então eu escolhi Ipanema, 4 pontos de Ipanema. E ali foi o meu livro, foi a minha escola, foi a minha, não é? Foi a minha visão do microscópio para...

MR – Qual a sua conclusão? Interessante.

MS – Olha, saiu uma tese, foi, até hoje é referência de teses, do pessoal que trabalha. Fiz o levantamento de todo mundo que tinha feito já algum levantamento de areia. Tinha em São Paulo, praias de São Paulo; tinha em Recife; tinha no Espírito do Santo...

MR – Patogênicos os fungos?

MS – Tem patogênico bastante.

MR – Tem?

MS – Tem patogênico, muito patogênico, muito mesmo.

AB – Patogênicos, oportunistas e alergênicos.

MS – E eu identifiquei 1.741 a nível de espécie. Foi a primeira que mais identificou nível de micobiota, não é...

MR – Hum, hum.

MS - Específica de um substrato. Aí a partir daí, comecei a fazer...

AB – E a opção de você fazer essa tese na [Universidade Federal] Rural [do Rio de Janeiro], o que te levou?

MS – Porque não tinha, aqui, você não tinha nada para trabalhar com Micologia.

AB – Com Micologia...

MS – Até hoje...

AB - Quer dizer, o campo para você trabalhar Micologia...

MS – É, exatamente...

AB - É um campo reduzido.

MS – Muitíssimo, até hoje ainda é. Ou você vai para São Paulo, muito específico. Na parte dessa que nós fazemos aqui, não é, que são os fungos mitospóricos, esses fungos microscópios, não é, de classificação só a partir de microscopia, até hoje é muito precário, mesmo em São Paulo.

MR – Maria Ignez, e mundialmente? A comunidade científica dessa área, existe?

MS – É boa.

MR – É boa? Tem muita gente trabalhando por aí?

MS – É muito boa, tem muita gente, muita gente, Portugal, Argentina, mesmo não só na Europa, mas na América do Sul tem muita gente, tem um grupo bom, tem um grupinho bom. E aí acaba tudo muito assim porque a biotecnologia entrou, deu aquela outra...

MR – Visão.

MS - Então o pessoal também foi muito para biotecnologia, mas na parte, nessa parte de taxonomia, ainda eu acho que ainda é precário.

AB – Estava me falando que na época de sua formação era um tema que não estava na grade de quem estava se graduando...

MS – Não.

AB - E hoje já tem um espaço maior para Micologia na graduação em Biologia?

MS – Tanto que, olha, eu vou dar aula, agora em janeiro nós fomos convidados para dar uma aula na universidade de Volta Redonda, para Faculdade de Medicina. Na UFRJ, na Química, eu vou dar aula quase todo ano, umas duas ou três aulas só para mostrar Micologia. Em Manaus até hoje eu vou ministrar aula. Tem um grupo todo, esse grupo, esse curso de biotecnologia são sete módulos, vai gente do Brasil inteiro, de todas as universidades da cadeira. Continuamos a dar Micologia. No Fundão o pessoal todo do Fundão, tanto no hospital quanto na Microbiologia, eles vêm pedir apoio a gente para identificar. Então é muito difícil ainda.

AB – Quer dizer, tem um corpo de pessoas especializadas reduzido ainda, não é uma área forte.

MS – E, o fungo, a parte, essa parte ...

GC – Está dentro de Microbiologia...

MS - É, essa parte.

GC – Vírus, bactérias e fungos, e fungos sempre é no final.

MS – É, porque não tem muita gente para saber.

GC – E sempre ligado para área médica.

MS – E é um grupo muito grande, então não existe assim, existem especialistas, você não tem como, trabalhar com levedura e com filamentos e ao mesmo tempo. Não tem. Porque o estudo é diferente.

MR – Aqui na Fundação, vocês recebem apoio deles? Tem, você tem, é uma área...

MS – Sim, a gente tem...

MR - Que é reconhecida, aí tem...

MS – Quando, quando eu vim pra cá continuei eu, dra. Pedrina, o Antônio e o grupinho de estagiários. Foi a fase melhor que houve. Houve um projeto do TDR, então foi possível trazer estagiários e estagiários que gostassem de trabalhar. Era um grupinho da mesma universidade, as meninas se conheciam então fiz uma equipezinha. Foi aonde teve assim maior número de gente na Micologia e que mantém até hoje...

### **Fita 1 – Lado B**

MS – Fiquei com a dra. Pedrina, continuei com a dra. Pedrina trabalhando com a parte de taxonomia, não é? Quando nós sentimos assim, um apoio da instituição, não é? Que foi na época do Daniel, do...

AB – Cláudio.

MS – Do diretor, do Cláudio? Foi a formação dos primeiros laboratórios, não é? Ele chamou e convidou para formar um laboratório, mas nós só tínhamos quatro pessoas também. Eu estava acabando de fazer o meu mestrado, não é? Então ele mesmo disse que a coleção seria um laboratório, e que eu ficaria responsável por esse laboratório. Mas até aí eu não era curadora. Curadora sempre foi a dra. Pedrina, está? Eu passei a ser responsável pelo laboratório de coleção, fazendo o trabalho que eu fazia sempre, tanto as minhas pesquisas de praia, a minha tese, e material que se pedia da coleção, não é, checar cepa, toda aquela parte de taxonomia. Na aposentadoria dela é que eu assumi a curadoria da coleção...

AB – A gente vai falar especificamente da coleção. Só para aproveitar que você falou muito de ensino, queria pegar um pouquinho a sua experiência como professora dentro

do IOC, aqui, não é, nos cursos. Você cita na pós-graduação em Biologia Parasitária, não é, você fala da Micologia nesse curso de biotecnologia. Agora eu entendi, é esse curso...

MS – Esse curso...

AB - Junto com...

MS – É, eu fiz o primeiro...

AB - É a Universidade de Manaus, não é?

MS – É, a Universidade de Manaus.

AB – E aí então para você falar um pouquinho desse espaço da Micologia dentro da Pós e dentro dos cursos aqui no IOC, não é? Como é que é isso no dia-a-dia, se tem espaço, se é sempre solicitado...

MS – É, todo ano é, sabe? E às vezes até a gente está super carregado, mas as pessoas, como elas não tem na universidade, elas procuram a gente, não é? E é uma procura muito grande mesmo, é muito, se deixar a gente fica só dando aula. Isso a gente teve até que cortar um pouco, porque...

MR – É, senão você não faz pesquisa.

MS – Não podíamos fazer pesquisa, não tínhamos tempo para fazer porque a procura é muito grande, sabe? Muitos convites para você ir para fora, para dar curso, para fazer, se deixar. A gente nega muito mais do que dá. Para ser sincera a você, não é, Gisela? A procura é muito grande. Mesmo quando eu fui na Rural, até isso nós colocamos aí, no próprio, a gente dava aula porque mesmo tendo a cadeira deles lá, os professores formaram muitas idéias, o material com a gente aqui, não é? E se deixar a gente não faz pesquisa.

AB – Não faz pesquisa. E até falando das suas publicações, da sua participação em congressos, uma coisa que me impressionou foi a quantidade de trabalhos seus em revistas, em jornais, quer dizer, a divulgação científica é uma coisa que te interessa?

MS – Ah, é. Eu acho que é a única coisa que a gente no final (ri) é um prêmio, não é? Porque... E eu digo isso, não dá pra você publicar, em uma outra área qualquer, qualquer coisinha é uma publicação. Aqui não. Você precisa de muita quantidade, você precisa de muito tempo, não é. As pessoas olham aquilo, um nome de um fungo não choca. E teve uma repercussão muito grande, porque quando começou a sair num congresso, no primeiro congresso que eu estava fazendo um trabalho de praia, praia de Ipanema, foi uma coisa, foi uma coisa horrível, garota. Eu não podia nem, era um desespero! Tinha gente que ligava para mim o dia inteiro assim: “Olha, na minha casa a minha filha está com asma (risos), aonde é que a senhora me diz que eu vou morar, eu troco de casa hoje, que não tenha fungo.” Eu dizia: “Pelo amor de Deus!” (ri) Não é assim. Tem que ter toda uma assepsia de casa, não é. Não existe lugar que não tenha fungo, porque aquilo... Aí começou a sair em jornal, aí saía no outro. Aí São Paulo vinha e queria saber logo quantos fungos iam matar todo mundo na praia (risos). Aí o Jornal Nacional entrava por aqui por dentro, olha foi um inferno. (risos) Cada um que saía, eles vinham assim com maior, ih,

pra mim aquilo foi ótimo. Depois que cansou mesmo o pessoal não agüentava explicar, porque as pessoas...

AB – Mas foi o espaço para você divulgar...

MS – Foi muito. E as pessoas entenderem muito.

AB – Entenderem o que é.

MS – Porque é difícil você entender uma coisa até que você não vê.

AB – Não vê. É distante, é difícil de você...

MS – Que você inala, aí aquilo faz mal, aí começou, começaram a aparecer os primeiros problemas de alimentação, não é? Então, contar toda aquela história. Mas foi assim, foi uma explosão, foi uma coisa. Mas foi muito lucrativo. Com certeza que foi. Pessoalmente a gente se sente gratificada. (MR fala baixo ao fundo) Não vou dizer para você que não, mas é bom.

AB – Teve um retorno bom, não é?

MS – Teve um retorno bom.

AB – Mas, agora indo para as coleções, que eu acabei te cortando, mas só porque eu queria falar um pouquinho do ensino...

MS – É.

AB - Aí você colocou que com o Cláudio e tal, você foi para chefia do laboratório nas coleções, quer dizer, dentro do departamento...

MS – É.

AB – De Micologia tem um laboratório...

MS – Tem um laboratório...

AB – Das coleções dos fungos, não é?

MS - Das coleções que ficavam aqui, nós estávamos ainda no Cardoso Fontes e a coleção ainda permanecia aqui fechada. Quando se precisava de uma cepa, a gente vinha aqui e pegava o número e manipulava lá. Eu não tinha ainda responsabilidade nenhuma, foi apenas assim um convite para chefiar, para formar um laboratório, está. Foi o que depois eu vim a fazer. Porque para formar, você tem que formar o espaço e formar pessoas, não é.

AB – E como é que foi esse dia-a-dia de formar esse espaço?

MS – Aí foi um problema

AB – Batalha.

MS - Porque as pessoas começaram a me cobrar muito. “Poxa, você está chefiando um laboratório, com a saída da dr<sup>a</sup>. Pedrina você passou a ser curadora do laboratório...

AB – Porque aí ficou...

MS – Exatamente, não tem nem que você estava no laboratório e ela estava na coleção...

MS – É, é.

AB - E aí depois quando ela saiu para aposentadoria, você assumiu os dois.

MS – É, pois é, eu assumi os dois. Aí, eu disse: “Mas aqui eu não tenho condição.” Lá não tinha espaço e aqui não tinha condições. Aí um dia, eu peguei e falei: “Vou começar a arrumar a casa, não é?” Aí peguei a minha mesa, coloquei ali e comecei a fazer mesmo a faxina da casa. Aí, mas não tinha equipamento, não tinha um microscópio. Só tinha as culturas e a minha mesa de trabalho, não é? Foi quando eu fui convidada pra participar, quer dizer, já existia um projeto, não é, que foi na parte do INPA, não fazia parte ainda da Casa de Oswaldo Cruz, não é? E vocês vieram e deram assim um apoio, mas foi um impulso mesmo muito grande, não é?

AB – Para estruturar.

MS – Para estruturar... condições de trabalho, não é? Mas...

MR – Essa coleção está informatizada?

MS – Não, ela está informatizada entre aspas. Está toda num disquete, não está na rede, mas ela já está toda no padrão, já tem um programa, o programa já está todo feitinho, só falta lançar na rede...

MR – Vocês, internamente, quer dizer, já é uma coisa que facilita, usa...

MS – Usa.

MR – Está.

MS - Usa sim. É esse pontapé último agora que eu quero conversar com vocês porque esse para mim vai ser assim um sinal, sabe? De uma batalha, de uma luta, sair o nosso catálogo, mesmo com algumas dificuldades, algum erro, não é uma coisa de grande porte, mas já foi muito trabalho...

MR – Mas aí... não é?

MS - Durante esses 2, 3 anos...

AB – É uma forma a mais de divulgar.

MS – Claro, de divulgar. As pessoas vêm e pedem e a gente tem que procurar, entra no computador, não é? Tem uma digitadorazinha que foi a menina, que é desse programa de surdo e mudo, é, mas ela foi ter neném e ela, já está toda nos moldes, já está toda, para entrar na rede mesmo e formar o catálogo porque eu acho, para mim, eu vou ficar satisfeita...

MR – Claro, claro.

MS - Com esse resultado final do catálogo.

AB – E hoje como é que está a estrutura do acervo da coleção? É uma coleção que ela está em aberto? Você pode ir identificando e acrescentando mais exemplares?

MS – Desde que ela, desde que eu assumi, vim para cá, quer dizer, nós fizemos assim: dividimos em parte. Primeiro você tinha um acervo que não se sabia as condições reais do acervo, um acervo muito antigo, um acervo muito...

AB – Esse muito antigo vem desde quando?

MS – Foi formado em 1922...

AB – 1920...

MS – Todo mundo ao longo foi mexendo, alguns morreram e foram substituídos por outros. Mas tudo começou, o primeiro instante que se colocou ali, o armário é o mesmo, o vidro quebrado é o mesmo, a posição do armário é a mesma. Quer dizer, a sala, tudo é o mesmo, o arquivo. Então, na realidade, a gente não sabia quantas cepas tinham. E até hoje a gente tem uma dúvida porque não se pode tirar 4 mil, 5 mil cepas, mesmo que repita muito, está viva, não é assim. Porque cada cepa, cada uma tem 4, 5 repiques, datas diferentes, data igual. Então nós começamos a fazer de trás para frente. Como assim? Toda vez que se pedia um material, vamos dizer assim: eu preciso de um *Aspergillus*. Então a gente tirava aquela cepa, procurava tirar cepas antigas e cepas mais novas e estudava aquele grupo, não é, e assim, e ali passava para preservações mais recentes. Liofilização, tubo em água, está? E um novo repique em óleo. Com essa a gente estudava, ia revendo o acervo. E começamos a ser muito requisitados pelas universidades por causa da biotecnologia. Então nós recebíamos material de estudo de tese, nós éramos depositários e guardávamos. Nós temos aqui algumas cepas confidenciais, você não pode ceder pra ninguém porque elas estão sendo estudadas por teses da universidade a nível de biotecnologia.

AB – Em nenhum momento, quando já a tese estiver finalizada e tal, ela vai fazer parte...

MS – Ela já tem aqui...

AB - Do acervo. Ela já tem aqui, já está aqui.

MS – As teses já saem com o nome da gente aqui. Todas são depositadas, guardadas aqui.

MR – Essa coleção recebe material, por exemplo, de outros lugares, outras instituições, o depósito é aqui?

MS – É aqui.

MR – Vocês são referência nacional.

MS – Nacional. Tem toda uma, você recebe assim um recibo, entendeu?

MS – É.

MS – Isso é uma outra coisa que eu pretendo depois, é que a gente cobre uma coisa pra ceder as cepas...

MR – Claro.

MS - Principalmente para indústria ou para laboratórios particulares...

MR – Claro, claro.

MS – Porque o gasto nosso em material aqui é muito grande, de pessoa é muito grande. Aqui não sai nada sem passar pela mão dela e assim mesmo, ela, às vezes sem cepa, não é? Não sai nada sem que eu e elas...

MR – Cheque.

MS - Cheque, mas com todo o recibo...

MR – Claro.

MS – Nós montamos toda uma estrutura de depósito e de ceder cepas para aula, pra biotecnologia, para teses de mestrado e doutorado, uma gama muito grande.

MR – É porque eu já trabalhei com coleções, mas trabalhava com moluscos, coleção de fungos eu não entendo assim muito bem como vocês fazem. Quer dizer, você está descrevendo o material, o material-tipo fica aqui com vocês...

MS – Fica aqui.

MR – E você manda o material para outra instituição. Normalmente a gente faz isso. Vocês mandam...

MS – É.

MR - Fora do Brasil, que instituições você usa como depositária?

MS – Olha, nós não mandamos nada para fora do Brasil, está? Nós temos...

MR – Fica aqui?



MS – É, nós temos cepas de outras coleções, como do ATCC, cepas pedidas que têm na nossa coleção. Foi depositada aqui, ganhou um número aqui. Está entendendo? Cepas, quer dizer, o ATCC já pediu inúmeras cepas nossas, nós não mandamos.

MR – Porque? Problema...

MS – Porque é um problema...

MR - De como é diferente.

MS – É.

MR – Isto que eu te perguntava?

MS – É um problema de instituição, é um problema de você mandar cepa para fora. Tem essa...

MR – É uma coisa viva, não é? É diferente.

MS – Agora tem essa lei nova, que eu não posso... Mas, mesmo assim.

AB – Antes disso não era uma...

MS – É, porque a gente não tinha ainda muito respaldo, você está entendendo? A gente não tinha muito respaldo, mesmo na instituição. Então você mandar cepas assim que são cepas recentes, trabalhadas aqui com potenciais. Mesmo que sejam depositadas lá, mas você não tinha respaldo nem daqui, nem de lá. Então eu, como estava assumindo há pouco tempo, eu preferi, entendeu? Me resguardar um pouco, não, para que não tivesse nenhum comprometimento. Porque a coisa é realmente perigosa.

AB – Mas no passado lá, nos anos 1920, 1930, tem sempre uma história que se conta da importância da coleção quando teve uma perda no Instituto Pasteur e num centro de pesquisa na Holanda...

MS – É.

AB – Que a própria coleção conseguiu que, não é ...

MS – Recuperar...

AB – Que eles recuperassem

MS – Com cepas nossas aqui, que têm até hoje.

AB - Os acervos deles que foram perdidos.

MS – É, o que é exatamente isso.

AB – Quem te contou essa história?

MS – O problema... o problema dessa metodologia de preservação é essa, porque você, porque antigamente tinha que haver repiques, não tinha um método de preservação. Então assim: você tinha uma cepa, e aquela cepa de mês em mês tinha que ser passada para um novo outro meio de cultura. Então ela ia ali, se alimentava, aquele meio secava, para não morrer, você ia, então fazia repiques sucessivos durante aquele tempo, não é, para você manter sempre a cepa em estado vivo, porque tudo tem que ser vivo. O que que aconteceu? Quando veio a Segunda Guerra Mundial não tinha quem fizesse isso. Então o acervo todo morreu, não é? E os pesquisadores que começaram aqui, eles foram estudar Micologia lá. E como aqui é tropical, que o fungo é nada mais, nada menos, é que ele está no paraíso dele...

MR – É.

MS - Muitos, eles tinham uma quantidade. Tanto que eles trouxeram de lá e preservaram aqui, quantas nós tínhamos aqui, até foi descoberta cepa nova. O livro do Halperin e do Fennel(verificar). O livro que hoje, até hoje eu uso para fazer taxonomia de fungos, de *Aspergillus* e *Penicillium*, ele cita, ele cita isso, não é? Agradecimento à Fundação e as cepas cedidas e cepas que até levaram...

MR – Com material novo?

MS - Nome brasileiro, não é?

MR – É.

MS – Então aquela facilidade, eles, era como se fosse assim uma troca, eles levaram e reconstruíram essas coleções, entendeu? Tanto que até hoje eles têm assim uma consideração muito grande pelo instituto. E é isso que a gente não quer que morra.

MR – Não pode.

MS – Porque tem que ter muito amor a isso daqui, viu? Muito, tem que gostar. Porque as pessoas que não conhecem, dá muito trabalho, é muito trabalhoso e...

AB – E essa coisa que você explicou de ser a longo, não é? O prazo é longo...

MS – É muito longo.

AB – É assim meses para você conseguir...

MS – Para você estudar, você é um trabalho, não é assim, chegou, olhou...

AB – Não é nada imediato?

MS – Não é nada. É tudo muito, muito. Você para, você tem que fazer um levantamento bibliográfico. É tudo medido em micra. É tudo assim, vários meios, porque cada um dá uma coloração, dá uma textura, dá... Sabe é tudo morfológico. É tudo de forma. Às vezes uma micra...

MR – Hum, hum.

MS – Difere do outro, difere uma espécie, não é? Tem livros de um gênero que tem três mil espécies. Que às vezes difere de uma estrutura microscópica ...

MR – (TI), não é?

MS - ...Mínima.

MR – É, eu sei.

MS – Então, tem que ser muito bem trabalhada, não é? E um potencial biotecnológico...

MR – É, é.

MS – Isso aí agora estão descobrindo coisas fantásticas, medicamentos e tudo, trabalhando. Eu estou, eu mesmo estou fazendo o meu doutorado com uma cepa, eu escolhi uma cepa antiga. Cepa de quarenta e tantos anos que está produzindo o metabólito.

MR – Fantástico. (ri)

MS – E ficou parada esse tempo todo. Quer dizer, mesmo que ela não seja um potencial muito grande, mas a preservação é importante, está. Talvez hoje, em condições ambientais, eu não consigo uma resposta tão boa, porque o próprio ambiente modifica muito, não é. O próprio ambiente, mais calor, ou mais frio, ou mais...

AB – Umidade.

MS - Substâncias químicas. Então, vai pleomorfizando, vai mudando as estruturas. Você vê, todo dia você escuta que o vírus, um tipo diferente está sendo descoberto dentro daquele grupo quer você já conhece.

MR – É.

MS – Está aí a dengue, está aí o HIV...

MR – É.

MS – Todo dia você abre: “Descobriu-se mais...”, porque eles estão, passam muito, não é?

MR – É.

MS – Por causa da evolução...

MR – É.

MS – Do ambiente, das drogas. E ali, não. Você tem coisas que estão naquele ambiente de cem anos quase.

MR – É.

MS – Não é? Onde tudo ainda tinha assim maior condição. É até comparativo, será que mudou?

MR – É, isso é interessante. Muito interessante.

MS – Não é?

AB – E será que o potencial que ele tem é mais indicado...

MS – Não é?

AB - Do que o normal?

MS – Pois é, será que essa cepa que não foi tão manipulada, ela pode ser trabalhada para produzir, mais esses metabólitos? Então é, é uma cepa é uma coisa viva gente, guardada.

MR – Maria Ignez, você não tem assim, o dia-a-dia do laboratório. Isso foi embora também, não é? Da época dos antigos, isso é uma pena, não é?

MS – É porque ficou muito...

MR – Nas correspondências administrativas, não é?

MS – Ah, olha é. Porque o problema é o seguinte: A Micologia foi sempre muito visada assim, não, nem porque quisessem pegar, queriam destruir, passar o trator em cima. Como foi um departamento sempre muito pequeno, nós nunca tínhamos secretária, nós nunca tínhamos nada. Então, fazia-se tudo. Dr.<sup>a</sup> Pedrina é que era secretária, é que era... Então, ela levou o que ela tinha de acervo, os livros, a história...

GC – O que ficou, não é, porque muita coisa também ficaram com os antigos. Eles não passaram.

MS – Tinha, vinha pra diretoria, ficava exatamente ligada à diretoria...

GC – Quer dizer, as coisas da Pedrina a gente não tem nada.

MS – É, é.

GC – Da época da...

MR – Não restou nada.

MS – É, porque eles, sabe, eu acho que levavam, catavam, carregavam a mesa, carregavam as coisas, que eles tinham muita...

GC – Eles nunca ficavam (TI) (falam juntas). Eles não deixavam coisas como hoje a gente deixa, não é?

AB – A divisão entre o que é pessoal...

GC – Pessoal do que é profissional.

MS – Arquivar, não tinha, quer dizer, era tudo pessoal mesmo, era o seu caderno. Era à mão, naquela época era com a letra dele, era com a mão dele. Então, tinha uns cadernos de laudo aí, mas eu nem sei, eu... Eu mandei para vocês um aberto, assim, na época que tirei alguma coisa daí?

MR – Eu não sei se...

MS – Mas não tinha, porque as pessoas eram, elas faziam para si, estava pronto.

MR – Tem alguns laboratórios que a gente acha.

MS – É.

MR – Na Entomologia o Werneck deixou todo o material, toda correspondência em pastas e pastas e pastas maravilhosas.

GC – É, mas o problema que a Micologia tinha muito, não era uma coisa de...

MR – É, você...

GC - De renome, não é?

MR – É. Na Helminologia a gente também não tem. Na Helminologia desde a época do Teixeira de Freitas, de 1970 pra cá, uma pena!

GC – É.

MR – Toda parte antiga do...

GC – Acervo.

MR – Do Lauro Travassos a gente não tem.

GC – Não tem.

MS – Pois, é.

MR – É um pecado isso.

MS – Porque ficou, eu acho até porque ficou esse tempo todo assim sem, muito parado, sem aquela estrutura, não é, de...

MR – É.

MS - Um curador mesmo. Então fazia mesmo uma história como a gente faz agora, deixa no computador, mantêm a história até hoje...

MR – É.

MS - Não pode sumir nenhuma ficha dali...

MR – É, exato.

MS – Entendeu? Até o caderno com a letra da dr<sup>a</sup> Pedrina, eu guardei, eu tenho dela como fazia, eu tenho, entendeu? Mas, eles não, cada um tinha a sua, depositavam ali e ficavam e quando iam embora carregavam o seu material pessoal, não é?

AB – A Gisela estava falando que você acha que eles não consideravam, não tratavam como a formação de uma coleção, era material deles. Fala um pouquinho disso prá gente.

GC – Ah, todo o início deles era, por exemplo, você vê os primeiros tubos, eram trabalhos que eles faziam, eles encontravam um caso e iam guardando aqui para os estudos no futuro.

MS – Mas não com o objetivo de coleção no futuro.

MR- É, não tinha essa idéia...

GC – No passar dos anos...

MR – Claro, foi formando a coleção...

GC – Foi formando...

MS – É, um acervo, não é? Era um acervo, preservação, não assim, que ela está, eu acho que eu estou entendendo, ela disse assim: “Na coleção como prestar serviço, como a gente faz hoje, armazenar, não é, ceder, para outras, era um cortado mesmo, era um depositário deles...

MR – Você estuda o material, guarda; estuda, guarda; estuda, guarda; vai e forma...

GC – Como a gente faz hoje, não é? Hoje as pessoas continuam com essa filosofia. Você tem um trabalho, você, por exemplo, trabalha, ela tem uma, se fosse analisar é uma coleção separada...

MR – É.

GC – É porque as cepas não estão dentro da coleção de fungos...

MR – Mas já existe uma coleção formada e futuramente vai ser incorporada.

GC – Exato, conforme ela vai identificando, você vai introduzindo esse acervo existente...

MS – É, na época eu botei muita coisa do meu trabalho porque tudo que não tinha, todos os gêneros que não tinham na coleção, eu introduzi, entendeu?

AB – Hum, hum.

MS – Então para não ficar repetitivo, fica assim: diversificar mais a nível de gênero. Então tudo que eu estudava que tinha algum interesse, que eu identificava e que não tinha o gênero, no catálogo você vai ver que tem bastante coisa identificada por mim. Aí começou depois um grupo de controle biológico, que cresceu muito também. Então começaram a introduzir cepa de um outro substrato que também cresceu em gênero, porque você tirando de outra substância você tem mais chance de um determinado gênero, não é? E de uma determinada espécie. Então a coleção começou a viver de novo, a renovar, a crescer, não é? A gente começou a tomar aquele gosto....

AB – E hoje que você tivesse que fazer uma descrição de quanto é o tamanho, qual é o perfil da coleção, você daria mais ou menos quantos gêneros, quantas espécies? Qual é o tamanho, você caracterizaria ela hoje...

MS – Olha, a nível de cepa geral, não é tubinho, não, vamos dizer assim a nível numérico...

AB – Hum, hum.

MS – Tem 3 mil cepas que eu posso dizer para você que estão vivas, está? Agora eu tenho assim um número, depois se você quiser, já a nível de gênero, espécie, até de ordem, não é? Porque, tudo é contado...

AB – É, não, (TI)...

MS – Mas é uma biodiversidade muito grande, é uma das maiores, se não é maior da América Latina, eu acho que é. Se soltar esse catálogo o povo vai ficar atrás da gente e muito porque é uma biodiversidade muito grande, muito grande mesmo. E até consultoria, eu esqueci de falar para vocês, de outras coleçõeszinhas, pequenas, não é, eu fui ajudar muito porque era um material preservado em condições erradas, então eu passei tudo e fazia aqui a quantidade certa de colocar o óleo mineral que tem que ter, o tamanho, sabe? A aeração do tubinho, não podia liofilizar, então passa, faz esse outro método que é de óleo mineral, de sílica gel, sabe? Então a gente foi passando, checava as coleções, arrumava.

AB – Isso coleções de outras instituições?

MS – De outras instituições.

AB – De outras instituições. Quais que você podia citar assim que...

MS – Ah, eu fui ao INPA, tem duas do INPA que eu ajudei a montar. Já existiam antigas também, mas estavam preservadas de maneira diferente, não é? E em Manaus na UA, que hoje ela já é reconhecida pela ATCC também, sabe? Até hoje, o acervo começou com a gente lá, não é, eu fui dar assistência, e hoje, eu chequei muitas cepas também para eles, a Rural nós demos uma assistênciazinha também para o pessoal. Só que eles são mais específicos na parte de fungos toxigênicos, não é? Mas, vira e volta nós damos esse tipo de consultoria também na estrutura da...

AB – Na estrutura de outras coleções micológicas.

MS – Dessas coleções.

AB – E com relação aos clientes que você citou, a questão, quer dizer, do uso industrial, é, esse contato que tem, tanto a questão agrícola como industrial, deve ter muita solicitação desses potenciais clientes, não é?

MS – É, é.

AB – Você destaca algum grupo em específico que tem um contato maior?

MS – Olha....

AB – Quer dizer, quem são as pessoas que consultam mais o acervo? Sejam...

MS – Nós passamos muito tempo cedendo material para uma clínica de... fazer vacinas alérgicas, sabe? Nós fizemos muito tempo, material. Então, e o que eles faziam era o seguinte: vocês não podiam nem vender e nem receber nada. Então eu pedi uma troca em material, um livro, entendeu? Era livro que eu pedia, porque para mim, se eu não tiver um livro e um microscópio eu não faço nada. E nós tínhamos pouquíssimos, o próprio acervo da nossa biblioteca ela é hoje uma das maiores em Micologia porque nós procurávamos e pedíamos à biblioteca para comprar. Todos os livros que eu tenho aqui são da biblioteca, são meus. Meus eu digo assim: ninguém da biblioteca tira, se tirar eu identifico. Está lá com a lista biblioteca, quer dizer, a vida inteira eu fico pedindo emprestado, não é? Já não tenho nem que assinar mais aquela fichinha porque...

AB – É uma obra de referência para o seu trabalho.

MS – É uma obra de referência para o meu trabalho. Então nós tínhamos muita dificuldade. E isso eu faço e dou muito para, para o pessoal que não pode, o pessoal do Amazonas, não é? Para chegar aqui é difícil um livro, você imagina para eles lá. Eles são excelentes, tanto a turma da universidade, quanto a turma do INPA. Eles querem mesmo aprender, sabe? Nós fizemos muitas parcerias juntos. Então todo o materialzinho que eu tenho aqui, não é, de bibliografia, eu cedo pra eles...

AB – Tem esse repasse...

MS – E agora nós estamos montando uma outra coleção, filha dessa que já deu uma outra filhota, não é, que é o do centro do Amazonas, que já tem 255 cepas isoladas da floresta amazônica.

AB – E quem cuida dessa coleção? Você?

MS – Eu, eu que cuido, eu que cuido e com uma bolsista que eu consegui que já foi, vamos dizer assim, cria de lá da universidade que está tomando conta para mim dentro do IOC, só de fungos da Amazônia. Quando eu não posso a Gisela, sou eu, ela é assim, eu sou daqui para lá; ela é daqui para cá. É porque a gente tem que dividir tudo, somos nós duas, quer dizer, a nossa formação é a mesma, apesar de ela trabalhar com controle



biólogico, mas ela identifica, ela é taxonomista também. Ela tira de um outro substrato só. Mas a gente trabalha juntas e quando uma....

## **Fita 2 – Lado A**

MS – Ela já sabe a metodologia de...

AB – Quer dizer, você está falando de pessoal?

MS – De pessoal, é.

AB – Quer dizer, são vocês duas funcionárias...

MS – Para fazer... Para fazer meio de cultura, tudo a gente precisa.

GC – Na coleção?

AB – E tem uma parte..., na coleção. E tem uma parte...

MS – Manter o acervo.

AB - Se formando que vocês querem tentar ver se conseguem...

GC – Firmar.

AB – Firmar.

MS – Nós já perdemos muita gente boa, muita.

AB – Pensando agora o apoio do IOC, do instituto enquanto a estrutura, para vocês. Quer dizer, recursos humanos, conseguiu vaga em concursos? É...

MS – Só pelo concurso, pois é.

AB – Recursos humanos para conseguir os equipamentos mais modernos. Como é que... Como é que está funcionando isso? Tem mais apoio? Quer dizer...

MS – Olha, o que nós temos assim...

AB -Pensando o momento lá de baixo, nos anos 1970...

MS – É.

AB - Nos anos 1980 surgindo...

MS – Nós tivemos muito apoio, com esse projeto, o projeto da Casa de Oswaldo Cruz, foi o que deu, assim, o suporte, principalmente, quando eu disse para você que eu cheguei aqui, que eu não tinha nem uma cadeira, não é. Então, foi assim, onde nós conseguimos

respirar. Mas, o IOC dá porque, dá muito até, mas ele entra como verba do departamento. Então, como é? É o...

MR – POM. [Plano de Objetivos e Metas].

MS – O POM.

AB – É o POM do departamento.

MS – Não é? O POM do departamento, quer dizer, a minha parte é dividida com a minha pesquisa e mais o laboratório e mais a coleção, você está entendendo? Então, assim, o que eu peço para minha pesquisa, diretamente também estou pedindo para a coleção...

AB – Para a coleção.

MS – Que é meio de cultura, que é um equipamento, é um microscópio, que é... Entendeu? E aí você tem que esperar chegar aquela parte de licitação. Às vezes você pede um material que você quer que seja da melhor qualidade, mas aí você não consegue, vem umas coisas absurdas, porque tem que ser o mais barato. E você não pode trabalhar às vezes com o mais barato, com qualidade, quer dizer, eu acho que quase nunca. Nós chegamos aqui e tinha aquele computadorzinho...

AB – Nada.

MS – Pequeninho assim... Enquanto sei que todo mundo já tinha um particular, quer dizer, agora é que eu tenho um e essa semana que chegou um do POM. Mas, você vê, esse aqui, esse é velho à beça. Então, a gente tem que trabalhar assim. Mas, a instituição em um todo tem dado. Ela só não tem dado mais apoio porque é um grupo de coleções. Eu acho que precisava... Eu acho que devia ter assim... As coleções, elas precisavam estar ligadas em um departamento só, uma... Sabe?

GC – Como fosse uma política para as coleções mesmo.

MS – É.

GC – Uma coisa separada, só para coleções.

MS – Ligada à diretoria, ou ligada à Presidência...

MR – Diretoria.

MS – Ligada a um prédio de coleções. Tivesse assim, fosse um departamento. Eu digo isso sempre. Eu acho que as coleções deviam estar ligadas à Presidência. Entendeu?

GC – Se a gente (TI).

MR – É.

MS – Como uma divisão, como uma... Sabe?

GC – Porque para comparar (TI).

MS – Porque você fica ligado a um laboratório. Com helminto, todo mundo é assim.

MR – É. Aí esvazia.

MS – Então só tem, é a dez mil reais, tem 20 pesquisadores, aqueles dez mil reais, não é...

AB – Tem que dividir.

MS - Para dez pesquisadores, dá mil para cada um. Eu como curadora tenho quinhentos e quinhentos.

GC – É.

MS – Aí, dá pra comprar um...

AB – Quer dizer, a coleção é vista... como...

MS – Como...

AB – Separado...

MS – Não.

AB – Como um, em separado...

GC – Não.

AB - Para ter um olhar diferente.

GC – Ela está dentro de uma...

MS – Entendeu?

GC - De uma coisa. Ela está inserida numa pesquisa.

MS – Então é assim. Eu às vezes quero comprar um equipamento, claro que eu não posso. Eu quero comprar um liofilizador, preciso comprar um microscópio... Eu estou sem microscópio nenhum. Não tem uma lente... Tem umzinho ali que, um microscópio bom...

AB – Hum, hum.

MS – Daquele com fotografia, eu tenho que sair daqui, ir lá, porque o que eu mais preciso é de fotografar, também. Fazer um acervo, um catálogo de fotos, que é o que o pessoal me cobra demais. Eles ficam apaixonados quando vêem as fotografias. Que os fungos, eles são lindos, são lindos. Você nunca viu? Você vai ver.

AB – É, depois você vai me mostrar.

MS – Muito bonitos. Então, as pessoas: você tem que fazer fotos disso. Não só fazer a taxonomia escrita, no catálogo, mas como fotografia.

MR – Claro.

MS – Então, eu vou até anexar numa ou outra.

GC – É.

MS – Porque é uma, um visual, sabe? É uma coisa assim. Você está afirmando mais uma vez que aquela sua taxonomia, ela existe ali, ele é aquela estrutura.

MR – Claro, é.

MS – Sabe? Isso é o que o pessoal fica assim doido com a gente. E eu não consigo, porque eu nunca consigo comprar um microscópio. Meu dinheiro não dá.

AB – Tem que conseguir um espaço para isso.

MS – Exatamente. É por isso que eu... Não pode perder, a gente não pode perder, a gente tem que fazer um, um outro projeto grande. (riso) Eu acho que isso interessa demais para vocês também, para Casa de Oswaldo Cruz. Vocês estão assim com o pessoal que entende a coleção, que entende o que que é um acervo histórico, entende o valor...

AB – O valor.

MS – Isso eu acho que foi a melhor coisa que aconteceu, para as coleções. Sinceramente. Porque nós tínhamos muito problema. (ri)

AB – Problema. Aí, já que você falou um pouquinho das técnicas para manutenção, da conservação. Como se a gente estivesse aqui falando para um público que não conhece. Que eu acho que o interessante também é a gente deixar esse registro. Como é que é mantida uma coleção, que é uma coleção viva...

MS – É.

AB – Então, que você falasse para gente quais são as técnicas que vocês têm para manter isso, o que que é esse dia-a-dia, e o que você acha que é o destaque do papel da curadoria.

MS – É, o maior objetivo de uma coleção de cultura é você manter estruturas, quer dizer, manter as cepas, viáveis e estáveis, o que é isso? É manter elas vivas e com estabilidade morfológica, biomorfológica. Morfologia porque senão você não vai conseguir reidentificar, dizer que realmente é aquela cepa. E bio, e bio porque se ela produzir um corante, se ela produzir um substrato, um metabólico, ela tem que estar conservado daquele jeitinho do dia que ela foi, é, depositada na coleção. Então, tudo começou assim, técnica mais prática que tem é exatamente essa de repiques sucessivos. Você pega um tubo e dura 6 meses, aquele substrato, aquele meio de cultura seca, acaba, o fungo faz a sua nutrição e se você não passar ele pra um outro, acaba ele morrendo. Aí você perde a sua cepa. E nenhuma cepa é igual à outra, mesmo ela sendo do mesmo gênero e mesmo

ela sendo da mesma espécie, está? Cada uma é particular. E o objetivo da coleção então é esse, é você manter a estrutura ali, está? Não pode perder nada. E nem a genética dela, principalmente. E esse, essa técnica ela é fácil, mas ela tem muitos problemas, porque precisa de mão-de-obra; porque é um gasto enorme. Quer dizer, mão de obra de repicar, mão-de-obra de lavar, fazer meio de cultura. E cada vez que você abre aquele tubo, o que que acontece? Ou contamina, porque se não tiver uma condição certa, porque o fungo ele está no ar, você está respirando, se cair uma estrutura de propagação, ele se mistura ali e você nunca mais consegue ter a mesma cepa, não é isso? Tem ácaro, uma série de fatores. Então começaram a estudar outras técnicas que mantinham assim por mais tempo e foi, uma das primeiras foi esse óleo mineral que você colocando um centímetro acima do crescimento micelial, você baixaria a dosagem, a tensão de oxigênio e o fungo ficava estável ali quietinho. Mas também tem o seu problema porque toda vez tem que tirar, repicar, passar, dura mais tempo, mas ainda continuo tendo problemas. E tem o problema do aerossol porque se você não flambar direitinho aquele óleo que fica grudado ali, “Pchiiii”, pode contaminar o ambiente. Então tem uma série de..., mas ainda é um dos melhores métodos. Antigo, mas serve. Então, toda vez as pessoas vão tentando se aperfeiçoar, melhorar, usar técnicas mais modernas. Usar técnicas mais adequadas e ideais para cada laboratório e começaram a surgir, colocar em solo, porque? Porque como esse grupo, estou falando solo desse grupo nosso aqui, como eles, eles têm colídios, quer dizer, estruturas pequenininhas, eles ficaram aderidos à parede ali da pedrinha que era esterilizada, areia. Então você bastava tirar um grãozinho daquele de areia, e colocar no meio de cultura. Então você não estava gastando no meio de cultura e estava usando um substrato que começou a se usar, isolar muito material de solo e o dando, a ele, os mesmos, o mesmo substrato dele que era o solo, não é? Então foram surgindo várias técnicas. Depois essa técnica foi modificada pela sílica-gel, que é industrializada, já uma bolinha de sílica...

MR – Hum, hum.

MS - Caríssima e aí a gente não consegue comprar. Aí precisa de um desumidificador, quer dizer, às vezes as coisas acabam até complicando mais porque você precisa sempre da mão-de-obra, você precisa de um espaço, não é? Espaço é uma outra coisa que ajudou muito a evolução das técnicas modernas, porque você vê, olha o espaço enorme que você usa para armazenar cepas em óleo mineral, enquanto ela é liofilizada, está lá numa gavetinha, em ampolinhas. E uma delas foi essa liofilização e nitrogênio líquido. Nós nunca conseguimos, se para ela liofilizar já é (riso) um custo danado, com nitrogênio líquido fica cada vez mais difícil porque é o gasto do nitrogênio. Aí você também precisa de um ambiente de ventilação, toda essa estrutura. Mas nós já chegamos na liofilização. Então num espaço de um armário que você guarda mil cepas, numa gaveta eu guardo dez mil, todos liofilizados, em ampolinhas. Essa é também uma facilidade que você tem, não só de mão-de-obra, quanto de espaço, porque cada vez você fica menos...

AB – Menos espaço.

MS – Pessoa e menos espaço para armazenar a sua coleção. E para que você tenha também vários métodos, porque também não pode guardar, vai que acontece alguma coisa, aí você perde a cepa. Então a gente tem que ter a preocupação da coleção é toda essa também, é você, deu erro, erro numa preservação, você tem que estar com uma outra...

AB – Segura com uma reserva.

MS – Com uma reserva, está? E também porque as cepas, umas se preservam melhor em determinados, até hoje, até no meio mais rústico você ainda tem que manter elas ali, porque é onde ela tem maior (TI), sabe? Ela sente melhor. Quer dizer, é material vivo. Então você vai estar trabalhando com uma coisa que você... Não, fica ali guardada, bota numa gaveta, ou tira...

MR – É, em um futuro, é?

MS – E põe no fundo do armário de outra, não. Você tem que dar a ela realmente nutrientes e toda condição.

AB – E um outro lado importante também no trabalho é a questão da catalogação?

MS – Sim.

AB – Quer dizer, estar sempre a par, atualizada com a catalogação, as fichas, tudo.

MS – Sim, isso a gente faz quase de seis em seis meses, checar nome, porque muda muito. Porque toda taxonomia, ela veio da Botânica, antigamente, tinha... Achar o fungo, o reino *fungi* era...

MR – Trabalhava com a Botânica.

MS – (Ri) ...Ainda era na Botânica?

MR – Era.

MS – Então vem do código ainda, internacional de Botânica. E hoje, com alguns especialistas, esse grupo foi revisto. Então, muita nomenclatura muda, não é? Então, sempre nós estamos atualizados na biblioteca, com separatas, tudo o que sai de novo, nós temos, entendeu? E estamos sempre mudando. E muda muito, muito, muito, muito e você tem que estar sempre atenta. Isso é uma das coisas que mais a gente tem preocupação aqui. Toda cepa que sai ela é checada para ver se ela vai com o mesmo nome, já mudei muito nome de tese, muito. E chega aqui com um nome, eu digo: não é isso.

MR – Não pode. (ri)

MS – Não pode, vocês não podem colocar. Isso já não existe mais, isso já não... Porque alguém deu, porque tinha lá com aquele nome tal, e você não pode... Muita gente já mudou tese, assim, trabalhos na hora, porque quando tem aqui para eu dar a checagem total, eu mudo a nomenclatura também.

MR – Maria Ignez, o sistema de classificação continua a mesmo...

MS – Continua.

MR – Quer dizer, as mesmas estruturas, para detectar...

MS – A...

MR - Aspectos, gêneros...

MS – Tudo.

MR – Isso continua.

MS – É, está? Muda, alguém estuda um grupo, aí põe num outro gênero, daqui a pouco aquele mesmo volta para lá, porque já... (falam juntas)

MR – É, normalmente entra sinonímia?

MS – É, entra sinonímia, é uma coisa. Mas, quer dizer, a base é a mesma. É a mesma, então...

AB – Eu com as minhas questões estou satisfeita, você quer... Acho que a gente podia só esse fecho assim, você ficasse com espaço para você falar o que você mais está incomodando...

MS – É, exatamente...

AB – Ou o que você queria destacar.

MS – É, o que, o que eu queria, é...

AB – E falasse sobre essa questão...

MS – Essa cooperação, exat... Não, eu queria que a gente mantivesse sempre essa cooperação com a instituição, seja ela da Casa de Oswaldo Cruz, do IOC, da Presidência, sabe? Porque eu acho que nunca a gente teve tanto espaço para poder falar, ou para poder mostrar o que a gente tem. Isso aqui é da instituição, não é nada é meu, sabe, é da instituição. Eu acho que a instituição devia pensar muito nisso, até mesmo agora com essa lei nova, senão a gente acaba perdendo isso.

AB – Essa lei é a lei que...

MS – É.

AB – Dificulta todo o trabalho de você importar...

MS – Todo o trabalho.

AB - Ou exportar...

MS – E até me... Exatamente.

GC – Material.

AB – Materiais vivos.

MS – E, até mesmo de você manter dentro de uma instituição. Se o governo mandar jogar tudo fora, ou eu quero porque isso aqui é meu...

MR – Tem que institucionalizar. Mas, elas estão, não estão? A Fundação...

MS – Estão, é tem um...

MR - Hoje em dia já tem...

MS – Tem um pessoal trabalhando nisso, mas a gente não tem, assim, até muito acesso, porque é um pessoal de São Paulo, é um pessoal..., mesmo aqui eles entram em contato com... Tem mesmo uma comissão, a gente está sempre...

MR – Comissão de Coleções Biológicas.

MS - Organizadas, de coleções biológicas...

MR – Veio um pessoal do Paraná.

MS – Pois é.

MR – (?)

MS – Então, e a gente está sempre em contato com, com os...

MR – Mas, as coleções da Fundação, elas são coleções, hoje em dia elas...

MS – Está institucional.

MR - Estão reconhecidas...

MS – Estão reconhecidas, é.

MR – É, e ninguém faz (TI) aqui?

MS – É, pois é. Só nós quatro.

GC – Só nós quatro?

MS – Só as quatro.

MR – Entomologia...

MS – Entomologia...

AB – Helmintos...

MR – Micologia, Helmintos e qual a outra?



MS – Está? Não, só as três então, Helminto, Entomologia e Micologia.

MR – Micologia.

MS – Só nós três.

MR – Tem tantas outras coisas por aí.

MS – Não, não tem.

MR – Não? É.

MS – Pois, é. Mas, eu digo assim, de segurança, quer dizer, que é da instituição, que é, a instituição, que ninguém pode tocar... Não é? E tem porque a gente briga muito também. E mantém mesmo. Não sei da onde, ou da Presidência ou da Casa de Oswaldo Cruz, ou..., mas alguém que goste e que brigue, que mantém isso vivi. Não é só manter os fungos vivos, não. É manter mesmo, sabe? Porque muita coisa desses três anos, muita coisa saiu daqui. Tem muito trabalho fora, com cepas da FEEMA, sabe? Muita gente trabalhando com cepas da FEEMA. Resultados excelentes, não é?

AB – E se essa lei corta isso, você perde um outro espaço também de divulgação...

MS – É, a gente perde até... Você vê...

AB - De trocas, da referência internacional da coleção.

MS – Exatamente. É. Não posso nem trazer, trabalhar com uma... Eu trabalho com cepas, de reserva da Amazônia, no INPA, que eu trago pra cá, mas, enfim...

GC – É ilegal.

MS – É, é ilegal, entendeu? Para identificar aqui...

GC – É ilegal. Hoje no país é ilegal.

MS – Pois é, mas eu mando para lá.

MR – Não pode. Hoje não pode.

MS – Por isso que eu tenho uma...

GC – Fazer essas (TI), você não pode.

MR – É.

MS - Uma, eu fiz uma... Exato.

GC – (TI)

MR – É.

MS – Eu fiz uma, montando uma coleção lá para que as coleções da Amazônia fiquem lá. Mas, eu, eu, certo eu não posso.

GC – É ridículo isso. É ridículo.

MS – Eu como pesquisadora...

GC – É.

MS - Eu com uma coleção lá, eu como curadora, com todo o respaldo que é... É um projeto enorme do INPA, é governamental também.

MR – É, claro.

MS – Eu te mostro...

MR – É.

MS - Toda. É um dos maiores trabalhos na reserva, em reserva biológica, um trabalho que ninguém fez ainda, com leguminosos de lá. Um grupo enorme de pesquisadores, mas eu não posso por que? Porque eu tenho material melhor pra identificar, tem os livros, tem tudo.

MR – Claro, é.

MS – Não é? Eu trago aqui e deposito lá. Mas eu não posso fazer isso... Se eu for pega eu vou estar fazendo biopirataria. Entendeu? Então o que eu quero é que não nos abandone, pelo amor de Deus (ri).

AB – A gente quer te agradecer. Às duas, ...

MS – Nós é que é...

AB – A paixão que vocês falam, que é impressionante.

MS – É o que eu falei pra ela, essa aqui, quando eu me aposentar, ela, ela é que vai ser a mãe da coleção...

AB – É uma paixão quando vocês falam...

MS – É, é, ah, se ela não fizer isso, eu acho que eu é que morro. Agora depois dela...

GC – Preparar uma pessoa...

MS – E ela tem que preparar alguém porque foi assim que..., porque ninguém... as pessoas não têm a noção, não gostam, não têm muito interesse.

GC – O que é uma coleção de cultura...

MR – Verdade...

GC – Mesmo dentro da instituição as pessoas não têm, porque se você for analisar as coleções de cultura, as coleções de culturas internacionais não são como as nossas de nosso país...

MS – É.

GC – Você não pode, você para ser uma coleção oficial, como a gente tem a da Inglaterra, tem nos Estados Unidos...

MS – Holanda.

GC – Você teria que ter uma cópia de tudo que você tem aqui, ou uma outra. A gente não tem a mínima condição disso...

MR – É isso que, isso que, por isso eu perguntei antes...

MS – É, não tem, ....

GC – Não tem. Por exemplo, se acontece um incêndio aqui a gente vai perder tudo...

MR – Isso.

GC – Vai morrer tudo.

MR- É, é.

GC – Porque não existe cópia em nenhum outro lugar do que a gente tem aqui.

MS – Espaço pra tudo, quer disso, isso...

GC – Então a filosofia do que é uma coleção de culturas tem que ser modificada. A gente briga dentro da própria instituição, para isso. Existe uma comissão de coleções de cultura, a gente tem reuniões, e a gente tenta modificar até a cabeça de alguns pesquisadores, porque eles não têm noção do que é. Existe uma federação só para coleções de cultura. Porque existem regras, normas, você não pode simplesmente, ah você tem um banquinho de “n”, 20 tubos, vamos chamar aquilo ali de uma coleção. Jamais você pode...

MS – É porque tem diferença entre coleção de estudo e coleção de pesquisa...

MR – É, é...

GC – Agora a filosofia tem que ser modificada...

MS – É, é...

GC – Até quando a gente tenta, a gente passa para os alunos...

MR – É...

GC – Isso, porque as pessoas: “Ah, isso é um depósito, não é uma coleção...”

MR – É, é...

GC – É uma coleção pelo histórico que ela tem, pelos pesquisadores...

MS – Pelo valor...

GC - Que passaram, que são pesquisadores de importância não só nacional, mas internacionalmente. Você tem todo um valor, mas a filosofia tem que ser modificada porque as pessoas, não vêem, não gera recursos para a instituição justamente por isso, porque as pessoas não têm incluído na cabeça a filosofia do que é uma coleção. Nossa coleção hoje, nossa, poderia estar rendendo para a instituição milhões de dólares...

MR – Claro, é...

GC – Porque todo mundo precisa hoje então com a parte de genoma, de DNA, de tudo, você tem tudo aqui, mas ninguém sabe.

MR – O que teria que fazer nesse sentido?

GC – É sim... é, ...

MS – Eu acho que não é só gente, tem que...

GC – É um grupo todo, entendeu? Porque você tem...

MS – É um grupo das coleções...

AB – Das coleções... (MR e GC – Fala junto). Exatamente.

GC – (TI), não. Eu acho que a micológica.

MR – Micológica, por exemplo...

MS – A micológica e todas as outras também, fazer assim um...

GC – Você tem grupos que estão muito bem firmados... Você está me entendendo? Por exemplo, a Bacteriologia tem um intercâmbio com o Instituto Pasteur que se mantém até hoje. A Micologia perdeu esse intercâmbio...

MS – Porque o número de...

GC – Porque que perdeu?

MS – Porque ficou...

GC – Porque o número de pessoas foi reduzido, e a Micologia dentro da própria FIOCRUZ, ela...

MS – Discriminada?

GC – Discriminada. A gente não tem valor...

MR – Tem muito, vocês não sabem...

GC – É, a gente só tem valor... Hoje nós estamos tendo valor porque

MS – Já foram muitas vezes que quiseram acabar com a Micologia.

GC - A gente vai modificando a filosofia da Micologia...

MS – É, isso aí.

GC – Porque a gente está fazendo trabalho na área de controle biológico. Porque a gente está avançando na área de metabólitos secundários, porque? Porque esses metabólitos têm um futuro de produzir antimicrobianos, com o trabalho dela que está produzindo alguma coisa que vai tentar controlar algumas doenças, entendeu? Dessa forma que a gente está tentando abrir, só que a gente é um grupo muito limitado. Nós somos cinco pesquisadores.

MR – E vocês duas trabalham com a coleção, é isso? E os outros?

MS – Hum, hum.

GC – E os outros três ficaram cada um faz a parte de taxonomia geral. Nós temos a Kátia, que é chefe de departamento, que faz a linha de metabólitos secundários; tem a Cíntia que faz a linha de *Paracoccidioides brasiliensis*, estudando a sua fisiologia e seus metabólicos também; e a Áurea que faz junto comigo a parte de controle. Mas só, por exemplo, tem o que? Uns três anos que a gente conseguiu fazer um mestrado, agora que a gente está caminhando para um doutorado.

MR – E vocês precisam da titulação para pedir coisas...

GC - Uma titulação para a gente ter um pouco de respeito.

AB – E conseguir recursos.

GC - Conseguir recursos, mandar projeto.

MS – Tem que dividir trabalho, eu estou com a minha por aqui, receber pessoal...

GC - Tentar afirmar isso aqui.

MS – Porque eu tenho que fazer...

GC - Por isso a gente não consegue...

MS - A parte de laboratório, a parte de curadoria, a parte da coleção, a parte da chefia, a parte de tudo...

GC – Está vendo?

MS – Não tenho uma secretária.

GC – Nós aqui, como dentro da coleção, a gente faz de tudo. Por exemplo, ela não gosta muito da parte administrativa, aí vai para mim, aí eu fico desde compra...

MR – É, é...

GC – Porque você lida...

MS – Ela vai...

GC - Com toda a parte de compra, abre processo, vai correr atrás de processo, ver não sei o que, porque a gente não tem secretária, tenta uma pessoa administrativa mesmo aqui não corre, entendeu?

MS – Mês passado é que nós conseguimos um...

GC – Nós conseguimos uma transferência.

MS - Uma menina, transferência...

GC - Uma menina para ajudar a gente na parte técnica....

MS - De BIOMANGUINHOS, transferência.

GC – É uma coisa muito difícil, por causa do grupo, filosofia...

MS - Mas é assim, porque a gente lavava, chegava aqui, a gente estava assim, de galocha e tudo molhado...

GC – Aqui a gente faz tudo. Quando só estava eu e ela, teve uma época que não tinha estagiário, não tinha nada. A gente chegava aqui 7 horas da manhã para lavar tubo. Mas vai você falar isso pro pessoal aqui dentro, aí...

MS – Porque pesquisador de nível também não vai pra bancada, não quer lavar tubo, nem vai pra bancada...

MR – É, é...

MS – E a gente tem que fazer tudo.

GC – Aqui a gente tem que fazer tudo. Então as pessoas acham às vezes: Ah a coleção não está produzindo tanto. Está produzindo sim dentro do possível...

MR – Claro.

GC – Porque a gente somos duas...

MR – É.

GC – A gente também tem que aproveitar um pouco até a idade da gente para gente se especializar. A gente vai fazer uma especialização com 70 anos, não tem condições...

MR – É.

GC – Aí a gente não está sabendo mais nada. Porque está evoluindo muito rápido...

MR – É, eu sei.

GC – A gente quando faz um levantamento a gente fica bobo de ver.

MS – É.

GC - A gente vê o quanto a gente está atrasado em algumas coisas. Na própria taxonomia.

MR – É, eu sei.

GC – Hoje a gente tem que ter técnicas mais...

MS – Acho que se você não entrar num computador, entrar numa biblioteca todo dia...

MR – Você não consegue acompanhar. É.

MR – Você não acompanha. Entendeu? Não é?

GC – Fica difícil. E aí as pessoas não valorizam, até porque a gente... Por isso. Porque ah, não, o grupo de Micologia não tem, não tinha pesquisador titular. Se bem que o pesquisador titular era a Dra. Pedrina, Dra. Pedrina foi embora, ficou só adjunto e assistente de adjunto, que não tinha.

MS – É, mas aí a gente foi crescendo, crescendo...

GC – É, mas o tempo leva a isso.

MS - E hoje tem um pessoalzinho.

GC – Isso leva um tempo para gente se formar, para você ter até a bagagem.

AB – O acúmulo?

MR – Claro, é.

AB – Tem que ter o acúmulo para poder...

MS – E a cobrança da gente aqui...

GC – É muito grande!

MS - Como pesquisador é muito grande. Chega no fim do ano, o negócio, ninguém quer saber não. Corta o pescoço, sabe? E a gente tem uma filosofia que eu tenho, ela tem, quer dizer moral, até porque a gente pode produzir pouco, mas é uma coisa com muita seriedade, viu?

MR – É o mais importante.

MS – Com muita, é. Que eu não acho pouco não. Eu acho que é muita coisa que a gente faz.

GC – Não, e fora as orientações que a gente passa para as pessoas.

AB – Os treinamentos, as consultorias...

MS – Mas, eu digo assim. Exatamente.

GC – Exato.

MS – É muita coisa. Mas, para pesquisadora, o que eles têm assim é, publicações. Quer dizer, o que não é publicável de mostrar não tem valor nenhum. E é o que eu digo pra você. É por isso que não dá muito IBOPE aqui, porque você ficar três dias sentado num microscópio pra identificar um fungo, que eu acho maravilhoso, eu chamo todo mundo e saio correndo e fico super feliz, quando às vezes não, eu consigo descobrir quem é aquele.

AB – Do que que ele gosta? Se ele gosta mais disso ou daquilo.

MS – Para os outros não interessa. Exatamente. Mas...

GC – Não tem, é.

MS – Pra mim é uma satisfação muito grande. É pessoal e eu fico muito feliz com isso. Mas as pessoas não.

MR – A gente precisa...

MS – Exatamente.

MR - Para trabalhar com coleção, porque, se não gostar...

GC – Mas é isso, mas é o que eu falo...

MS – É. E... Mas isso é isso...

GC – Mas é porque a coleção...

MS – E não vai para bancada.

GC - Ela tem que ser vista não como um...



MR – Como coisa de retorno imediato...

GC – Como pesquisa, entendeu?

MR – Lucro.

GC – Exato, ela não te dá um lucro imediato. Ela vai te dar um lucro imediato...

MR – A longo prazo.

GC - Não, ela pode até te dar imediato a partir do momento que ela for digamos um supermercado que você compra e paga, entendeu? É nessa linha, mas se não for assim, as outras viagens, coleções fora, até dentro do Brasil, a gente tem um grande exemplo no Brasil, ela cobra, se você entrar na internet, ela te cobra. Se você solicitar uma cepa, mesmo sendo você sendo daqui, ela te cobra.

MR – (TI) está cobrando para qualquer coisa...

GC – Lógico! Taxa, pronto.

AB – Aí, já ajudar a manter a (TI)...

GC – A gente não consegue, a gente não consegue viabilizar isso porque? Porque? A filosofia não está incluída na cabeça. A gente ainda não teve nenhum, nenhum gestor que desse o valor, assimilado isso, entendeu? E não é dizer: “Ah, porque a gente nunca teve”. Não, a gente já teve, mas é porque não sei o que que passa. As pessoas até não vivem aqui...

AB – Não vivem.

GC – Também. A gente tem até a tendência de...

AB – Por isso que a idéia de juntar,

GC – Formar...

AB- As coleções, tentar se reestruturar enquanto grupo...

GC – Grupo.

AB – E não individualmente.

GC – Exato.

MR – Olha, Bela, como são bonitos.

GC - Senão você fica aí que nem a Entomologia que é um acervo imenso, no país é única, internacionalmente mais ainda, porque tem exemplares que só tem aqui no Brasil.

AB – Não tem reconhecimento, não tem pessoal.

GC – Pessoal.

AB - Para manter...

GC – Não tem nada.

MS – Uma coisa prazerosa, eu faço...

AB – Ah, as imagens, está mostrando as imagens.

MR – É.

MS – Quer dizer aquela poeirinha que você vê assim, num sol ou num...

AB – Vou fechar aqui para poder me deliciar ali e...

GC – Pode, pode fechar.

AB - Mais uma vez agradeço a disponibilidade de vocês de passarem esse dia-a-dia e essa paixão para a gente, a gente agradece.